CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

PL 560/2021

PARECER DA COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA SOBRE O PROJETO DE LEI Nº 560/2021.

Trata-se de projeto de lei, de iniciativa do nobre Vereador Paulo Frange (PTB), que "institui o 'Museu do Futebol Varzeano' no município de São Paulo, e dá outras providências".

De acordo com a propositura, o "Museu do Futebol Varzeano" irá registrar, arquivar e manter sob sua guarda documentos escritos, fotográficos, falados, impressos ou filmados de todas as formas, bem como medalhas, troféus, prêmios e condecorações recebidas por diretores, atletas e associados através de doações, conquistas ou concessões de entidades, clubes, associações, federações e órgãos públicos.

O referido museu será implantado pelo Poder Executivo Municipal através da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de São Paulo (SEME), cabendo a ele indicar o local para sede do acervo futebolístico amador e promover, por meio de convênio ou parcerias com entidades ou organizações não governamentais, a instalação e administração do "Museu do Futebol Varzeano".

Na justificativa que acompanha o projeto de lei, o autor argumenta que "a proposta do projeto é de reunir em um local essas memórias, bem como, manter viva e cada vez mais forte o Futebol de várzea, que resiste até os dias atuais, em muito, devido ao associativismo baseado em organização comunitária e familiar".

A Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa manifestou-se pela LEGALIDADE do projeto de lei.

Cecília Garcia em um artigo explica a gênese do futebol de várzea a sua relação com o direito à cidade:

> Era uma cidade de rios indomáveis: eles irrompiam sazonalmente sobre as margens, moldando férteis e úmidas várzeas. Quando o rio baixava, a terra era rija o suficiente para que uma bola rolasse e muitos pés corressem atrás dela. Foi em uma São Paulo sem rios enterrados sob fatias tristes de concreto que emergiu o futebol de várzea.
>
> Recuperar a história do futebol de várzea em São Paulo é entender a formação da cidade em torno de rios imponentes como o Tietê. No início do século XX, populações imigrantes e de afro-brasileiros e negros recém libertos ocuparam esses territórios e originaram bairros como a Barra Funda, na região oeste da capital. Mais do que uma prática amadora desportiva, essa modalidade se consolidou enquanto símbolo de organização social e luta pelo direito à cidade, em uma época onde a capital paulista começava a ser disputada espacialmente e a sofrer com a gentrificação.
>
> Nessa amálgama de culturas — que incluíam africanos, afro-brasileiros, italianos, libaneses, portugueses e espanhóis — nasceram importantes manifestações culturais e de organização social, como o samba paulista e o próprio futebol de várzea.
>
> Diana Mendes, autora do livro Futebol de Várzea em São Paulo – A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940), estudou a formação dessa associação intimamente ligada ao futebol de várzea na região antes

Matéria RELCOM 584/2022. Documento assinado digitalmente por ANTONIO ELI CORREA em 05/05/2022 e juntado ao PL 560/2021 por Gilson Barreto. Sua validade pode ser conferida em https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Home/AbrirDocumento?pID=375671.

CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

PL 560/2021

conhecida como Barra Funda de baixo, cortada pela malha ferroviária e sujeita às enchentes da margem do Rio Tietê.

“O Estado não chegava no subúrbio. A Barra Funda de baixo era dos negros, dos imigrantes, das enchentes. As pessoas que moravam lá ficavam sujeitas ao regime do rio se auto-organizavam para o lazer, criando clubes de futebol, clubes de dança e festas como o carnaval ou festividades religiosas. Era uma espécie de política no sentido primeiro, fazer uma mobilização por algo desejado, algo bom para a comunidade”.

Mas a várzea, assim como os rios paulistanos, não resistiriam a cavalar urbanização da capital. Os terrenos começaram a ser aterrados para dar vazão a um mercado imobiliário em pleno crescimento, sendo vendidos para o estabelecimento de fábricas, indústrias ou moradias.

A gentrificação obrigou os moradores que não tinham condições de pagar por esses terrenos a atravessar a cidade e se instalar em bairros como Freguesia do Ó, Santana ou Nova Cachoeirinha. “Esses novos lugares não eram mais várzea, não tinham mais tanto rio. Mas essas populações excluídas levaram consigo seus modos de vida: o associativismo, o samba, o carnaval, e é claro, o futebol. O futebol praticado fora de várzea continuou sendo chamado futebol de várzea”. As populações varzeanas, por sua vez, foram vítimas de políticas sanitaristas, que propagavam que os terrões — como eram chamados os territórios de várzea — seriam antros de doenças e periculosidade. “Experiências sanitaristas tentaram eliminar certas práticas, mas elas não desapareceram e acabaram se tornando símbolos de resistência e de afirmação”, explica Diana.

A várzea que não é mais de rio e sim de luta atravessa o território e se instala nas antípodas da cidade. Um dos clubes de várzea mais emblemáticos é o Negritude Futebol Clube, organização fundada no coração de uma habitação popular em Artur Alvim, bairro do extremo leste da capital paulista. Ativo desde 1980, o clube foi objeto de estudo da pesquisadora Roberta Pereira da Silva, que escreveu a tese “Campos de Terra, Campos de Vida”.

“A várzea é uma potência de organização popular, mesmo que ela não se nomeie assim”, relata Roberta. O clube foi fundado na COBAH 1 por seis jovens — cinco rapazes e uma mulher — enquanto reivindicação pelo direito ao lazer no território. A constituição e gestão do time, desde seus primórdios, é horizontal: seus integrantes desempenham múltiplas funções, se responsabilizando pela organização do jogo, mas também as relações com a comunidade e com o entorno.

(...) “Não é uma luta por espaços sem nome, sem corpo e sem pessoas. São indivíduos que nasceram em um bairro, que se conhecem, que casam entre si, que são amigos com práticas sociais, de lazer e de prazer comuns. Não é pouca coisa partilhar um jogo de futebol com pessoas com quem você ama, convive e conversa”.

A escritora ainda complementa que o fascinante da várzea é dar corpo a essa luta, mostrando a força política de se viver experiências positivas em comunhão com seu território. “Muitos varzeanos podem até não saber ou dizer do campo teórico do direito da cidade. Não tem importância. Eles estão lutando por ele, porque essa afetividade passa pela história da pessoa, da região e de como se formou aquele bairro onde ela joga”.

(Fonte: ArchDaily. *O futebol de várzea em São Paulo e o direito à cidade*. Artigo escrito por Cecília Garcia em 08/12/2018. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/899185/o-futebol-de-varzea-em-sao-paulo-e-o-direito-a-cidade. Consultado em: 04/04/2022)

Matéria RELCOM 584/2022. Documento assinado digitalmente por ANTONIO ELI CORREA em 05/05/2022 e juntado ao PL 560/2021 por Gilson Barreto. Sua validade pode ser conferida em https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Home/AbrirDocumento?pID=375671.

CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

PL 560/2021

Tendo em vista a importância do futebol de várzea para a cidade de São Paulo e lembrando que o Museu do Futebol já é um ponto turístico que atrai muitos visitantes, quanto aos aspectos a serem analisados por este colegiado, a Comissão de Administração Pública manifesta-se FAVORÁVEL ao projeto de lei.

Sala da Comissão de Administração Pública, em

Matéria RELCOM 584/2022. Documento assinado digitalmente por ANTONIO ELI CORREA em 05/05/2022 e juntado ao PL 560/2021 por Gilson Barreto. Sua validade pode ser conferida em https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Home/AbrirDocumento?pID=375671.